

## FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO: ARTE, TÉCNICA E OPÇÃO ESTÉTICA.

### **BLACK AND WHITE PHOTOGRAPHY: ART, TECHNIQUE AND AESTHETICS OPTION**

Elisângela de Oliveira Vanucchi<sup>1</sup>, Prof<sup>a</sup>. Orientadora: Neli Demonico de Mello<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo faz uma abordagem sobre a questão artística da fotografia. A técnica da fotografia em preto e branco e seu uso como opção estética. Comparativo entre a fotografia analógica e digital. Fotógrafos do preto e branco com ênfase no fotógrafo João Machado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia. Preto e Branco. Arte. Técnica. Estética.

**ABSTRACT:** *The article does an approach about the artistic question of the photography. The technique of the photography in black and white and its use as option aesthetics. Comparative between digital and analog photograph. Photographers of the black and white with emphasis on photographer João Machado.*

**KEYWORDS:** *Photography. Black and White. Art. Technique. Aesthetics.*

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Tecnologia em Fotografia da Universidade Guarulhos

<sup>2</sup> Professora e Orientadora do Curso de Tecnologia em Fotografia da Universidade Guarulhos

## INTRODUÇÃO

A fotografia em preto e branco não foi vencida pelos avanços tecnológicos. A perda de seu monopólio lhe trouxe inúmeros benefícios.

Demonstrar a importância do preto e branco como linguagem, sua técnica difícil de por em prática, fotógrafos que têm no preto e branco sua opção estética, sua linguagem e sua visão de mundo é o propósito desse artigo.

A natureza artística da fotografia em preto e branco, o seu uso nos dias atuais, sua técnica, as diferenças entre o preto e branco da era analógica e digital, os fotógrafos do preto e branco, são pontos que serão abordados.

### QUANDO A FOTOGRAFIA É ARTE?

A questão: Fotografia é arte? Já foi muito discutida. Por ser a fotografia feita através de um processo mecânico, houve e ainda há muita relutância em aceitá-la como arte. Porém apesar de sua característica mecânica a fotografia está sujeita ao “olhar” do fotógrafo, que através de seus conhecimentos e técnicas, manipula estes mecanismos para expressar sua visão de mundo. Sobre este tema, ALINOVI declara:

“O nascimento da fotografia, assim como toda a sua história, baseia-se num equívoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte mecânica: pode ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e falso como a arte. A fotografia, em outras palavras, encarna a forma híbrida de uma “arte exata” e, ao mesmo tempo, de uma “ciência artística”, o que não tem equivalentes na história do pensamento ocidental” (ALINOVI, 1981 apud FABRIS, 2008, p. 173).

Partindo dessa afirmação, nos resta apenas a questão sobre qual fotografia faz parte da categoria artística e qual não faz, o que também é motivo de muita discórdia.

No triângulo da arte: criador – obra – receptor, a dupla natureza da fotografia (sem-arte e arte) fica clara, o receptor é quem decide se é arte ou não, já que ninguém é dotado de direito e/ou poder para determinar os parâmetros para a fotografia arte e sem arte, então toda fotografia é arte e não o é, ao mesmo tempo. “[...] quem olha as fotos entrega-se ao acaso. Há tantas possibilidades para ele quanto para o fotógrafo no momento da tomada da imagem. Ele só retém aquilo que lhe convém; o esquecimento faz sua escolha, projeta-se o que se quer, o que se é.” (JOURNAL, 27-5-1981 apud SOULAGES, 2010 p. 165)

Ao se passar essa decisão ao receptor, um mundo de possibilidades se abre, tornando possível que fotografias que foram feitas de maneira totalmente despreziosa, saiam da categoria do sem-arte para a categoria arte. Como afirma SOULAGES:

“Se o deslocamento do sem-arte para a arte é tão fácil e tentador em fotografia, isso se deve, pois, a três razões: primeiramente a fotograficidade, que liga a experiência do impossível e a de todos os possíveis, o trágico e a utopia, o finito e o infinito; depois, a dupla dialética generalizante, gerando essa contextualização uma recepção estética; enfim, a própria natureza de uma foto que permite e faz apelo a projeção inconsciente e consciente do sujeito que a olha: ela abre para o imaginário, evoca o que está escondido, pede uma resposta ou então uma questão, é desencadeadora de devaneios, de sonhos e de fantasmas, solicita a criação de quem a vê, é poética e não demonstra-



tiva, é oferta de formas, é interrogação sobre si mesma e sobre os fenômenos. É por isso que a fotografia anônima poderá ser deslocada das lixeiras da história para as paredes do museu” (2010, p.180).

A fotografia contemporânea é aberta, e só se conclui quando o triângulo se completa, o que ocorre quando o receptor faz sua parte, sentindo que colaborou com o fotógrafo e descobre o real assunto da fotografia.

### **FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO COMO OPÇÃO ESTÉTICA.**

A fotografia atual tem como uma de suas características o resgate de estéticas antigas, e é nessa onda retrô que o preto e branco volta com força total. Não que ele tenha saído completamente de cena em algum momento, mas quando a fotografia colorida se popularizou, por volta de 1970, o preto e branco perdeu seu monopólio, ficando restrito a um primeiro grupo que continuou usando o preto e branco por este ter um custo baixo em relação ao colorido; um segundo grupo tradicionalista que não aceitava mudanças e finalmente a um terceiro grupo que permaneceu usando o preto e branco por opção, o que leva a concluir que o fim do monopólio do preto e branco foi na verdade sua libertação. O preto e branco passou de limitação técnica a opção estética.

Muitos optam pelo preto e branco por ele ser mais realista. Esta afirmação pode soar falsa já que o mundo é colorido, entretanto na fotografia colorida as cores chamam a atenção para si, camuflando por muitas vezes o real conceito da fotografia.

Já no preto e branco ao se retirar a informação das cores, o observador é forçado instintivamente a investir mais tempo na observação da imagem, o que

o leva a buscar o seu real conceito. Como observa FLUSSER:

“As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos.” (1985, p.16).

A realidade que a fotografia em preto e branco passa não está ligada a representação fiel da imagem capturada e sim a interpretação. Para se passar o motivo real da fotografia, a composição em preto e branco deve ser ainda mais pensada, conforme conclui DAVIS: “[...] a composição em preto e branco é como a composição em cores – apenas mais. Como a cor não esta presente para entreter, cativar e desviar o olhar, a composição formal se torna mais importante.” (2011, p. 30). A fotografia em preto e branco está impregnada de nostalgia, porque quando falamos de preto e branco nos vem automaticamente à cabeça os primórdios da fotografia. Também está imersa em mistério, pois com a ausência das cores sempre procuramos por algo mais. E transborda de detalhes, já que a variação tonal do preto e branco é muito grande e torna isso possível.

Ter a fotografia em preto e branco como opção estética não é optar pelo fácil, mas escolher por transformar o simples em complexo, mistério e paixão.

### **A TÉCNICA DA FOTOGRAFIA EM PRETO E BRANCO.**

A pesar de a fotografia ter nascido em preto e branco, o mundo sempre foi colorido, por isso a necessidade de ver em preto e branco sempre existiu no

mundo da fotografia, e não é algo tão simples como podemos imaginar. Assevera ADAMS: “É necessário algum esforço para aprender a enxergar um objeto colorido em termos de tons de branco-e-preto.” (2004, p. 18) e ainda: “Primeiro é preciso “sentir” o preto, o branco e as tonalidades de cinza-médio que representarão cada área do objeto que temos diante de nós [...]” (2004, p. 18)

Para fazer fotografias surpreendentes é preciso reconhecer as oportunidades. Os fotógrafos do preto e branco procuram por cenas que fiquem boas dentro dessa linguagem. Fotografias que ficariam lindas coloridas, nem sempre teriam o mesmo resultado em preto e branco, devido a algumas cores se converterem em tons de cinza muito próximos, o que nem sempre é desejado na fotografia preto e branco, DAVIS enfatiza: “Pensar em preto e branco significa pensar em contrastes.” (2011, p.14). Ao dizer isso DAVIS não se refere apenas aos altos contrastes na fotografia preto e branco, mas também aos meios-tons que trabalham com a sutileza entre as gradações tonais.

A escolha pela fotografia em preto e branco limita bastante os assuntos a serem fotografados, pois nem todas as imagens funcionam sem cor, mas ao contrário do que possa parecer, essa limitação não é ruim, pois esta pode ser uma forma valiosa de aprimorar a criatividade.

Mas apenas ver em preto e branco não basta, é necessário também pré-visualizar, num quadro mental, o resultado final da fotografia. Na fotografia analógica tinha que se levar em consideração o filme e o processo de revelação que seriam utilizados, porque estes influenciariam grandemente no resultado final. Com a fotografia digital não é diferente, o formato do arquivo em que se irá se fotografar e as possíveis manipulações digitais em programas de edição, também devem ser consideradas na pré-visualização, DAVIS diz: “Considerar vários efeitos de pós-processamento

para aprimorar a amplitude tonal ou enfatizar áreas de luz ou escuridão que sejam importantes para a composição.” (2011, p. 17). Entretanto, nada disso é suficiente, saber quais são as técnicas e dispor de todos os recursos, nunca fez de ninguém grande em seu meio, existe uma necessidade de se aprofundar no estudo e dedicar-se praticando sempre. Conforme disse ADAMS, “O fotógrafo aprende a identificar os tons da imagem assim como o músico aprende a conhecer o tom da música, e o pintor, as relações sutis entre as cores. Praticar é fundamental. [...]” (2004, p. 18).

Existem lindas fotografias feitas ao acaso, mas estas são exceções e não regra.

## PRETO E BRANCO: ANALÓGICO X DIGITAL

A fotografia analógica nasceu em preto e branco e se manteve exclusivamente assim por muitos anos, evoluiu muito em todos os sentidos, tanto em filmes quanto em processos de revelação, sua qualidade é indiscutível. Sabemos que uma fotografia analógica pode durar 200 anos. A fotografia analógica está toda envolta numa aura de romantismo. Assim como seu tempo, ela era mais lenta, não era possível sua visualização imediatamente após o clique da câmera, era necessário esperar que todo o processo de revelação fosse feito, processo esse que tinha um quê de magia. Depois de revelado o negativo, as fotografias eram ampliadas sobre o papel fotográfico branco, que queimado pela luz, permanecia inalterado até que fosse imerso no revelador onde as formas iam surgindo como mágica diante dos olhos. Quem fazia todo esse processo de revelação era o laboratorista, figura importantíssima na era analógica, afinal dele dependia o resultado final da fotografia, seu conhecimento e sensibilidade eram decisivos. Algumas vezes o próprio fotógrafo assumia esta função. Ao final de todo esse processo a fotografia se tornava palpável, transforma-



va-se num objeto. Como afirma SONTAG: “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes.” (2004, p. 28).

Enquanto a fotografia analógica nasceu em preto e branco a fotografia digital nasceu colorida, fotografar em preto e branco na era digital é ir contra sua natureza, DAVIS afirma: “Criar uma fotografia digital em preto e branco é um estranho ato de rebeldia, anacronismo e paixão artística.” (2011, p. 68).

Seu tempo é o do imediatismo e ela faz jus a isso, já que é possível ver a imagem capturada imediatamente após o clique.

Esta imagem pode ser utilizada sem nenhum trabalho adicional, rápida e simples, como seu tempo exige. Mas para quem quer qualidade existe o editor de imagens que faz o pós-processamento da fotografia em programas de edição, este muitas vezes é o próprio fotógrafo. As fotografias da era digital são muito mais virtuais do que físicas, já que raramente saem do universo virtual através da impressão. Embora muito mais recente, evoluiu muito e também pode ter altíssima qualidade. Porém poucas chegam a esse patamar, como afirma SONTAG:

“Nos últimos tempos, a fotografia transformou-se num divertimento que se pratica quase tão amplamente como o ato sexual ou a dança – o que significa que, como toda manifestação artística de massa, ela não é praticada pela maioria das pessoas como arte.” (1981, p. 8).

Os fotógrafos desse tempo precisam ser bons em dobro se quiserem se destacar, pois nunca se fotografou tanto, MARTINS comenta:

“Nunca se fotografou tanto quanto neste século XXI. Celulares comuns, smartphones, palmtops, máquinas analógicas e di-

gitais capturam milhões de imagens por minuto. Em todos os pontos do planeta. Fotografa-se tudo, em qualquer lugar, sob qualquer pretexto. Entre tantos cliques, os profissionais que vivem de reproduzir o mundo que passa diante de suas lentes esbarram numa realidade desafiadora: hoje, mais que nunca, é preciso ter uma linguagem própria, uma marca que faça a diferença em meio à massa de fotógrafos emergentes.” (2010, p. 16).

As diferenças são inúmeras, existem vantagens e desvantagens para ambos os lados. A realidade, porém, é que nada é imutável e que os processos fotográficos não fugiram a essa regra, devido a isso, ficar brigando para que a fotografia continue com seu processo analógico na era digital, ou menosprezar a importância e qualidade da fotografia analógica não levará ninguém a lugar nenhum. Como analisa **MARTINS:**

“Câmeras analógicas e câmeras digitais cumprem basicamente a mesma função: ambas registram uma cena utilizando a energia da luz para provocar uma mudança num material sensível, seja um fotosensor ou um filme. Esta mudança é amplificada ou reforçada por meio eletrônico ou químico, a fim de tornar visível a cena capturada” (2010, p. 123).

Ao olhar para uma fotografia em preto e branco, com belos contrastes, texturas e composição, não há como se apegar à questão analógica ou digital. A arte é arte independente do material que se use. A intenção do artista e seu olhar não são afetados por essa questão.

## FOTÓGRAFOS DO PRETO E BRANCO

Chama-se de fotógrafos do preto e branco, todos aqueles que fotografam na totalidade de seu trabalho ou em parte dele usando a fotografia em preto e branco no conjunto de suas possibilidades. A seguir analisar-se-á três destes fotógrafos, começando por: Sebastião Salgado.

Sebastião Salgado<sup>3</sup> fotografa exclusivamente em preto e branco. A ausência das cores em suas fotografias dão ênfase aos dramas das situações por ele retratadas. Além de belas composições, Salgado combina ao preto e branco o uso da técnica de contraluz<sup>4</sup>, criando fotografias cheias de contornos.

Com um forte conteúdo social e uma beleza estética impecável, Salgado faz de suas fotografias documento e arte. Nas imagens seguintes podemos observar todas essas características:



Figura 1- O uso do preto e branco combinado com a contraluz dá dramaticidade à imagem. Foto de Sebastião Salgado - Shipbreaking, Chittagong, Bangladesh. 1989.



Figura 2 – apelo social fortalecido pelo uso do preto e branco na fotografia. Foto de Sebastião Salgado - Chemical sprays protect this fire fighter. Greater Burthan, Kuwait. 1991.

## FLÁVIO DAMM

Flavio Damm<sup>5</sup> sempre fotografou em preto e branco. No início era a única forma possível, mas as cores chegaram ao mundo fotográfico e Damm continuou a registrar as imagens em tons de cinza, não por tradição ou por temer o colorido, mas ao contrário, por considerar que o preto e branco é um desafio.

Com grande preocupação com a composição no momento de captar a imagem, Damm transforma suas fotografias em fotojornalismo e arte, fica claro este requinte na composição quando observamos algumas de suas fotografias:

<sup>3</sup> Sebastião Salgado: é um famoso fotógrafo brasileiro reconhecido mundialmente. Nasceu em 08 de fevereiro de 1944, natural de Aimorés – MG.

<sup>4</sup> Contraluz : quando a luz se origina por trás do assunto e o ilumina em direção a câmera.

<sup>5</sup> Flavio Damm: um dos grandes nomes do fotojornalismo brasileiro. Nasceu em 1928, natural de Porto Alegre.



Figura 3 – O homem no centro da imagem destaca-se entre as texturas e formas ao seu redor. Foto de Flávio Damm - sem título, Salvador BA, 1954.



Figura 4 – A repetição dentro da imagem a torna marcante. Foto de Flávio Damm - sem título, Rio de Janeiro, RJ, 1951.



Figura 5 – O casal no centro da fotografia está num momento tão diferente ao restante da cena que nem parece fazer parte da imagem. Foto de Flávio Damm - sem título, Recife PE, 1958.

## JOÃO MACHADO

João Machado<sup>6</sup> é fotógrafo há quase vinte anos e apesar de também fotografar em cores, se faz digno de ser chamado de “Fotógrafo do Preto e Branco” por saber usar essa linguagem como poucos. Para ele a fotografia em preto e branco é especial, porque foi assim que começou seus primeiros ensaios em meados de 1993, quando viajou de férias com cinco rolos de Neopan ASA 400. Ele sempre usa o preto e branco em suas fotografias autorais, como por exemplo, no documentário “Caminhos da Fé” que realiza desde 2002. Machado enfatiza que tem fotografias que só fazem sentido em preto e branco, e tem seu próprio código de ética, não fazendo uso da mesma fotografia em preto e branco e colorida, ele diz: “Uma vez que a fotografia foi transformada, tem que manter.” É ele mesmo quem faz a edição de suas fotografias, quando as converte para preto e branco, coloca uma tonalidade amarelada para acentuar os tons de cinza e assim conseguir um efeito igual nos velhos tempos da fotografia analógica, com o uso de filtros sépia. Para ele a fotografia analógica hoje tem um papel unicamente artístico, devido a seu alto custo e escassez de material, que torna seu uso regular inviável.

Ele gosta muito da técnica de contraluz e sabe usá-la com muita propriedade. Como podemos observar nestas fotografias:

<sup>6</sup> João Machado: fotógrafo nascido em Xique-Xique na Bahia, residente em Guarulhos há 23 anos, ganhador de vários prêmios de fotografia, é um promissor nome da fotografia brasileira.



Figura 6 – A ausência das cores da destaque a expressão do senhor retratado. Foto de João Machado. 2002.



Figura 8 – O arranjo dos elementos dentro da imagem mostra uma situação de trabalho e as texturas transmitem rusticidade. Foto de João Machado. 2002.

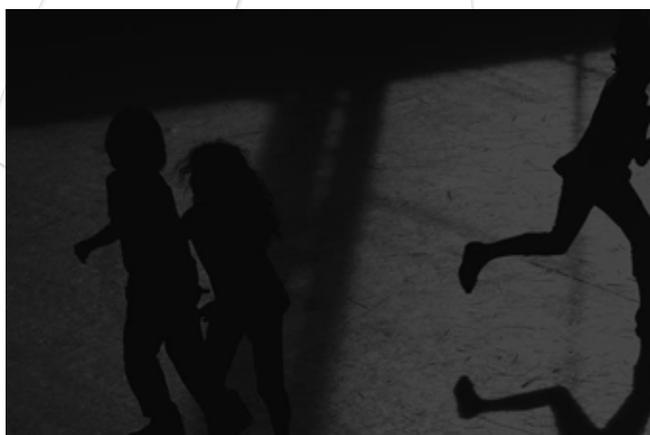


Figura 7 – O uso do preto e branco combinado com a contraluz chama a atenção para as formas. Foto de João Machado. 2002.



Figura 9 – A sombra do homem na parede rústica talvez seja a única coisa que restou dele. Foto de João Machado. 2002.

Suas fotografias também possuem composições riquíssimas, mas Machado assegura nunca ter se preocupado com essa questão, nunca estudou fotografia, é autodidata. Quando olha para as fotografias do ensaio “Olaria” que fez há quinze anos, observa e pensa: “Por que fiz aquele enquadramento?”. Nas fotografias que se seguem podemos observar estas belíssimas composições:

Machado é um desses fotógrafos que não apenas pensa fotografia, ele sente e vive fotografia.

## METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo fez-se uso da pesquisa bibliográfica com livros que tratam dos temas: filosofia da fotografia, a fotografia como arte, técnicas de fotografia em preto e branco e a evolução da fotografia - da analógica a digital. Também foi feita pesquisa sobre os fotógrafos: Sebastião Salgado, Flavio Damm e João Machado, com o último realizou-se uma entrevista com perguntas abertas, feitas através de e-mail.

## CONCLUSÃO

A questão artística da fotografia tem seu desfecho no observador. A técnica da fotografia em preto e branco tem que ser praticada e estudada para se ter êxito, sua escolha como opção estética não se dá ao acaso, as diferenças entre o preto e branco da era analógica e da era digital, não devem se sobrepor à arte. Os fotógrafos que fazem da fotografia em preto e branco arte com suas belíssimas imagens, não deixaram essa linguagem morrer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, A. **O negativo**. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

DAVIS, H. **Criatividade em Preto & Branco**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2011.

FABRIS, A. **Fotografia: Usos e Funções do Século XIX**. São Paulo: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2008.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

MARTINS, N. **Fotografia: da analógica a digital**. Rio de Janeiro: Senac Nacional/ publicado em parceria com a Editora Senac Rio, 2010.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOULAGES, F. **Estética da Fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

## Imagens

**Figura 1**. Disponível em: <http://www.amazonasimages.com/travaux-main-homme>. Acesso em: 24. nov. 2012.

**Figura 2**. Disponível em: <http://www.amazonasimages.com/travaux-main-homme>. Acesso em: 24 nov. 2012.

**Figura 3**. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_obras&cd\\_verbete=1781&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1781&cd_idioma=28555).

[itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_obras&cd\\_verbete=1781&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1781&cd_idioma=28555). Acesso em: 24 nov. 2012.

**Figura 4:** Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_obras&cd\\_verbete=1781&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1781&cd_idioma=28555). Acesso em: 24 nov. 2012.

**Figura 5:** Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_obras&cd\\_verbete=1781&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_obras&cd_verbete=1781&cd_idioma=28555) Acesso em: 24 nov. 2012.

**Figura 6:** Bom Jesus da Lapa/ Bahia 2003. Acervo do artista João Machado

**Figura 7:** Quadra do colégio Parthenon em 2009/ Bom Clima - Guarulhos - SP. Acervo do artista João Machado

**Figura 8:** Ensaio Olaria de 1997/ Lavras - Guarulhos - SP. Acervo do artista João Machado

**Figura 9:** Ensaio Olaria de 1997/ Lavras - Guarulhos - SP. Acervo do artista João Machado